

ARCHIVO ARCHITECTURA CIVIL JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PÚBLICOS E PARTICULARES
STEREOTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GÓTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Paroquial, 20

1865



ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Architectura em Portugal; *Elogio historico de João Frederico Ludovice;* por I. Vilhena Barbosa.—**Archeologia;** *Os claustros dos conventos,* por J. da S.—**Chronologia artistica;** *Architectos nacionaes e estrangeiros que executaram obras em Portugal desde o seculo XII, até ao seculo XVIII,* pelo Abbade de Castro.—**Decoração;** *Novas salas do real paço da Ajuda,* por J. da S.—**Architectura;** *Estudos de architectura civil* por J. da C. Sequeira — **Associação dos architectos civis portuguezes;** por P. J. Ferreira da Conceição. — **Boletim do trimestre;** Outubro a Dezembro, 1865. — **Explicação da estampa** do numero antecedente.

ARCHITECTURA EM PORTUGAL

ELOGIO HISTORICO

DE

JOÃO FREDERICO LUDOVICI ¹

Todos os monumentos d'esses diversos periodos da nossa historia, que ahi abrangemos em resumido quadro, dão testemunho da verdade que exarámos. E o mesmo dizemos dos que se erigiram desde a restauração da nossa independência até ao fim do reinado de D. Pedro II, que corresponde ao principio do seculo XVIII. Uns e outros estão mostrando no macisso das fórmãs, ou na desproporção das partes, ou na pezada accumulção dos ornatos, ou emfim na má escolha e pessima distribuição dos mesmos, o peso das desgraças publicas, e dos encargos que opprimiam a nação, a vida monotonã da sociedade, a sua ignorancia, e a indifferença pelas artes.

Podia exemplificar o que acabo de expôr, citando e examinando um por um, os principaes edificios que vemos por essa cidade e seus arredores, levantados desde a introdução da architectura do renascimento. Mas bastará um por todos, em razão de ser feito em tempos mais bonançosos, e de se haverem empenhado na sua fabrica a magnificencia d'el-rei D. Pedro II, e a liberalidade de todos os fidalgos da sua côrte. Fallo da igreja de Santa Engracia.

Foi a obra mais collossal e dispendiosa que se emprehendeu na capital, desde o anno de 1640 até ao fim d'esse seculo.

El-rei e a côrte, que então constituíam a irmandade dos escravos do Santissimo Sacramento da igreja parochial de Santa Engracia, instituida por occasião do sacrilegio commettido n'ella em 1630, resolveram em desaggravo d'aquelle attentado, e em satisfação da sua piedade, fundar uma nova igreja, condigna com a alteza do mysterio desacatado, e com a devoção e grandeza de animo dos fundadores. Deu-se ao architecto carta branca e bolsa aberta para delinear á vontade. O que saíu de todo esse empenho e esforço, vós o vêdes

embora incompleto, e através da riqueza dos materiaes, massa informe de cantaria, similhando mais uma fortaleza ou prizão d'estado, como a antiga Bastilha de Paris, que um templo christão do seculo XVII.

Isto digo eu quanto aos monumentos religiosos, que eram as construcções a que mais attendiam fundadores e architectos. Quanto a palacios foram miseraveis todas as construcções que se fizeram em Lisboa durante os tres ultimos quarteis do seculo XVI e todo o seculo XVII. O palacio dos duques de Aveiro, em Belem, mandado arrazar por sentença de justiça em 1759, e o dos condes da Ericeira á Annunciada, destruido pelo terremoto de 1755, que eram os maiores e mais notaveis de Lisboa, e dos quaes existem dezenhos em gravuras d'aquelle tempo, deixam-nos ver que não se seguiram n'elles regras da arte, se por ventura não houve nos architectos o proposito de postergar as mais triviaes.

Tal era o estado da architectura no nosso paiz, quando el-rei D. João V no começo do seu reinado, se propoz a edificar o palacio e convento de Mafra, em comprimento de um voto-feito para obter successão á coroa.

Entre os architectos que apresentaram a el-rei plantas para a fundação real achou-se João Frederico Ludovici.

Procedente de uma familia italiana que fôra estabelecer-se na Allemanha, teve por patria, ao que parece, a cidade de Ratisbona, celebre outr'ora como séde de dieta do imperio germanico; ainda que outros lhe dão por berço a cidade de Hala, uma e outra hoje pertencentes á Baviera. Não se sabe ao certo o anno do seu nascimento, mas deveria ser pelos annos de 1670.

Deram-lhe seus paes uma educação esmerada, o que bem se revelava na cultura do seu espirito e na distincção de seu porte e maneiras.

Levado a Roma de tenra idade, ahi estudou a mathematica, as sciencias naturaes, a physica, a historia, e o desenho; sendo muito versado em todas estas disciplinas, e até na jurisprudencia.

Tinha sentado praça, não havia muito tempo, no corpo de engenhearia, quando se realisou a liga de Augsburgo, de que resultou em 1688 a guerra de Allemanha contra a França. Ludovici tomou parte

¹ Continuação do n.º 2, col. 17.

n'essa luta, porém logo que se celebrou a paz no anno de 1697, resolveu aproveitar os momentos de repouso, que ella lhe concedia, para voltar á Italia em viagem instructiva.

A vista de tantos monumentos que nos estão ali fallando a todos os estímulos da religião, da gloria militar, e da poesia; a contemplação de tantos e tão variados primores de arte, enchendo de enthusiasmo e enlevo a alma do joven Ludovici, por tal modo o attrahiram e prenderam, que lhe trocaram a vocação. Ludovici não pensou mais na carreira das armas. As artes que lhe acabavam de absorver todos os affectos e atenções, tornaram-se para elle o assumpto predilecto dos seus estudos, com especialidade a architectura.

Percorrendo já como artista as principaes cidades da Italia, enamorou-se em Napoles de uma senhora moça e formosa, com quem se desposou, mas que em breve perdeu, no momento de lhe conceder o doce titulo de pae.

Ludovici sentiu rasgar-se-lhe profundamente o coração, e da profundidade da sua dôr saiu-lhe instantaneamente uma idéa, um desejo, deixar a Italia onde, julgando achar a felicidade, encontrára apenas a desillusão dos seus sonhos de ventura.

Quiz a sorte que a esse tempo os jesuitas de Lisboa, resolvendo fazer certas obras de importancia no seu collegio de Santo Antão, solicitassem dos seus irmãos de Roma um architecto para lh'as dirigir.

Informado d'isto Ludovici pelos proprios padres do collegio de Santo Ignacio de Roma, de quem era muito acceito, como seu antigo discipulo, pois que ali fizera parte dos seus estudos, offereceu-se immediatamente para vir a Lisboa, não obstante os poucos lucros que lhe promettiam. Corria então o anno de 1707, primeiro do reinado d'el-rei D. João V.

Não era a obra dos jesuitas propria para estabelecer o credito de um artista estrangeiro recémchegado. Também não me consta que alguma outra lhe fosse commettida nos primeiros annos da sua residencia em Lisboa, na qual podesse dar mostras do seu talento. Pouco tardou porém que o voto do soberano viesse abrir-lhe vasto campo.

Foi em 1711 que el-rei D. João V vendo assegurada a successão da corôa pelo nascimento da princeza D. Maria Barbara, determinou proceder á fundação do edificio de Mafra.

Julgo inutil ao meu intento narrar as duvidas e variedades de opiniões, que se manifestaram ácerca d'esta fundação, não só na côrte mas também no proprio animo do monarcha. Basta advertir que taes perplexidades, excitando a natural inclinação d'el-rei para o fasto foram augmentando gradualmente o seu projecto primitivo, que se limitava a um pequeno convento, que não desdisse da humildade e pobreza da ordem que devia habital-o.

Resolvidas todas as questões e annunciada a construcção de um edificio sumptuoso, composto de palacio real e convento, trez architectos se apresentaram em campo, disputando a honra da preferencia, Chamavam-se D. Philippe Juvára, Antonio Canevari, e João Frederico Ludovici.

Juvára era o unico dos trez que viera a Lisboa expressamente, não para offerecer um risco em concorrência com outros artistas, mas sim para se encarregar da construcção do monumento. Varias obras que executára em Turim, e sobre tudo a estima e protecção de Victor Amadeo, 2.º do nome como duque de Saboya, e 1.º rei de Sardenha, tinham feito conhecido o seu nome vantajosamente mesmo fóra da Italia; razão porque el-rei D. João V se lembrára de mandar pedir, por via do seu ministro a sua magestade sarda, que lhe enviasse aquelle seu architecto para dirigir a construcção do edificio que projectava.

Dizem que dos trez riscos o que mais sobresaía em elegancia, belleza e sumptuosidade, era o de Philippe Juvára. Entretanto o que obteve a approvação regia foi o de João Frederico Ludovici.

Attribue-se geralmente a preferencia á protecção dos jesuitas, que exerciam, n'essa época, suprema influencia na côrte e no paiz. Todavia o desenho de Ludovici tinha por si uma grande razão moral, que em meu intender, seria sufficiente movel para inclinar em seu favor o animo d'el-rei, o qual pela razão inversa não podia sympathisar com o risco de Juvára.

Admittido o principio, que julgo incontroverso, de que as artes e muito principalmente a architectura, são o reflexo do estado moral e physico da sociedade, é bem de crêr que seja condição essencial para que qualquer obra d'arte obtenha applausos, que não esteja em desharmonia com aquelle estado.

A planta delineada por Juvára era, alem de magnifica, esbelta e graciosa, alegre e festival. Não fôra avaro de ornatos o architecto; antes pelo contrario por todo o edificio espargiu flores com mão larga, posto que attenta. Era um paço imaginado para festas e prazeres de uma côrte elegante e voluptuosa. Era um palacio affeiçãoado aos costumes da côrte de Luiz XIV ou Luiz XV. Não podia agradar em Lisboa, nem ao soberano, nem aos fidalgos, nem ao povo, habituados como estavam, quasi exclusivamente, a não assistirem a festas que não fossem religiosas, ou, posso acrescentar para ser sincero, a orgias. Juvára não conhecia o paiz onde fôra chamado. Foi generosamente recompensado pelo seu trabalho com honras e dinheiro, mas teve de regressar á Italia com o seu magnifico risco na pasta.

Não sei se Ludovici seria capaz de traçar um plano tão bello como o de Juvára. Ignoro também se os quatro annos que tinha de residencia n'esta cidade fizeram, como é natural, com que modificasse os seus estudos, isto é, adaptando-os ao paiz em que vivia. Mas o que é certo, e lhe faz muita honra, é que ao mesmo tempo, que desenhou um palacio, como que modelado nos habitos, crenças e aspirações do soberano e da nação, creou um typo de architectura nacional, não bello, mas regular, nobre e magestoso; typo que serve de chronica e de retrato de todo aquelle longo reinado.

Na grandeza e magestade do templo consignou o espirito religioso da época religiosa principalmente nas fórmulas externas, e por este motivo lhe prodigalisou todo o luxo da ornamentação da architectura do renascimento. Na altura que deu ás salas, ás portas e janellas; nas proporções colossaes de todo edificio, e na projecção ousada da sua formosa cupula, symbolizou a elevação do pensamento governativo em varios assumptos do bem publico, elevação que se manifestou, não n'essas instituições de ostentosa vaidade, pelas quaes quasi que só é conhecido hoje esse reinado, mas sim pelo poderoso impulso dado a todos os melhoramentos materiaes e alguns dos moraes do paiz; por essas empresas grandiosas de abertura de canaes, a que chamámos valas; de construcção de estradas e pontes; de criação de fabricas, e introdução de industrias novas; de organização e restauração da marinha de guerra; de fundação de academias; e de outras muitas cousas uteis, que, por effeito da decadencia e desordem que se introduziram em todos os ramos da administração publica nos ultimos annos do reinado de D. João V e das reformas com que se estreou e progrediu o seguinte reinado, vieram a ser attribuidas, pelo decurso do tempo e ainda hoje o são, a el-rei D. José I e ao seu grande ministro, como se este soberano e este estadista não tivessem muito de que se gloriar. Finalmente, na severidade das fachadas do palacio, na propria frieza da sua expressão, no modo porque ali se alliam a realza e a vida monastica, tomando o convento as fórmulas de palacio, e este interiormente a simplicidade austera do convento, debuxou o architecto a fria e rigida etiqueta da côrte de D. João V a devoção ostentosa do soberano e da sua côrte, os habitos tristes e costumes monotonos do povo, enfim o viver meio fradesco da sociedade, com que todos procuravam encobrir ou sanar a corrupção que ia lavrando no corpo social, corrupção que a eloquencia do padre Antonio Vieira desenhou com tanto vigor em seus sermões.

Creio, e penso que não me enganaria, que se D. João V escolhesse o risco, livre de influencias estranhas, optaria sem duvida pelo de Ludovici.

Entretanto, apesar de quaesquer faltas de elegancia, e de bom gosto, tem o edificio de Mafra, um genero de belleza essencial a todas as edificações; e, mais ainda do que isso, base real da architectura. Consiste nas boas proporções e perfeita harmonia das partes do edificio entre si proprias e com o todo, e na propriedade das decorações.

Continúa.

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA.

ARCHEOLOGIA

OS CLAUSTROS DOS CONVENTOS

Nas construcções religiosas dos seculos XII a XV, a parte mais importante depois da igreja era sempre o claustro, em que a architectura ostentava as mais variadas combinações n'essas arcarias gemeas, que a phantasia dos artistas ornavam com feitiços tão diversos, evitando por esta fôrma a monotonia que na architectura classica se nota pela sua constante symetria, quando aquella prende tanto a attenção, examinando-se o trabalho de imaginações tão engenhosas, e louvando a liberdade que lhes permittia taes inspirações.

É nos claustros dos ricos mosteiros da idade media que arrendados labores apparecem com mais profusão, causando a maior admiração encontrarem-se n'essas humildes habitações, e para tal destino, obras tão mimosas e de tanto custo; todavia por mais sceptico que o visitante seja ou pareça, não poderá olhar com indifferença para esses pittorescos e religiosos edificios, aonde a architectura poetisando na pedra os seus mais delicados primores, quiz que as artes estivessem representadas n'esses edificios, que serviam de archivos aos preciosos conhecimentos que a antiguidade nos havia legado; e não deixará de reconhecer que se não fossem esses homens estudiosos e cheios de abnegação, talvez que o progresso das lettras e sciencias fosse mais moroso no seu desenvolvimento.

O claustro não servia á communiidade unicamente para possuir um recinto fechando á imitação das antigas habitações romanas, elle substitua o seu peristilo, facilitando por esta maneira o serviço das obrigações conventuaes, e ao mesmo tempo no inverno era o logar do passeio nas horas do exercicio. Alem d'isso o espaço interno encerrado por essas arcarias, quasi sempre estava ajardinado; tanto para deleitar a vista, como para purificar o ar, que puro e odorifero penetrava pelas janellas dos dormitorios ou cellas, que d'elle recebiam luz e ventilação: assim essa disposição era motivada, necessaria, e ao mesmo tempo abria campo para que os artistas se esmerassem nas suas construcções, não só para agradar a quem de continuo as contemplava, como para servir de norma a outras edificações semelhantes.

Nos paizes mais cultos dá-se muita estimação ás produções de bellas artes; e principalmente a architectura é considerada como a primeira d'ellas, pois desde a mais remota antiguidade lhe deram o fôro de *nobre* entre as suas irmãs.

Essas nações sempre se esmeraram em conservar com o maior cuidado os edificios antigos que possuem, assim como constantemente edificam outros, que aformozeando aquelles paizes com obras importantes e de primorosa architectura, ao mesmo tempo são permanentes officinas em que os jovens artistas e operarios se exercitam e se aperfeiçoam.

Emquanto todas as nações conservam com empenho os seus monumentos, vejam os nossos para que servem, e que cuidado se lhes presta para a sua duração.

O claustro do mais antigo convento da ordem de S. Francisco existia em Santarem, e era tambem o mais vasto que estes religiosos possuíam em Portugal. Data o começo da sua edificação do anno de 1242; porém soffreu muitas alterações sendo mais para sentir (como perda de obra de arte), a demolição que se fez na nave principal da igreja d'este convento em 1588, destruindo-se o côro que havia no meio da dita nave, e no qual estava o tumulo de el-rei D. Fernando I; dando-se por motivo d'este vandalismo haver n'ella pouca claridade! Mudaram depois para junto da porta principal o mesmo côro, e collocaram o tumulo real de maneira que o espelho do frontispicio tem metade da sua altura tapado por uma tosca parede!... Por este motivo ficou a fachada defeituosa e tirou-se a belleza ao oculo que ornava o templo!

Examinando-se as arcadas e os pilares com columnas que sustentam as abobadas d'este côro, pôde-se formar um juizo de como era edificada antigamente a igreja, sendo obra do mais puro estylo, a que os francezes chamam *romain*, isto é, a transição entre a architectura atina e byzantina; sendo o mais perfeito specimen que nós temos en-

contrado no nosso paiz n'este genero, e por esta razão mais merecimento se lhe deve dar, pela sua raridade e bella execução.

O claustro é da era de 1350, mas os lados d'elle são construidos por differente gosto; sendo o mais vistoso e interessante, aquelle mandado construir por D. Duarte de Menezes, primeiro conde de Vianna; como indicam os escudos d'esta nobre casa collocados nos feixos das abobadas, que formam as galerias do mesmo claustro.

Antigamente era o pavimento formado por noventa e duas campas que fechavam as sepulturas de differentes personagens, como indicavam os epitaphios gravados n'ellas; porém hoje não existe uma unica, tendo sido arrancadas aos pedaços, e com estes fragmentos se lagearam as ruas á roda de canteiros pertencentes ao jardim situado no centro d'este mesmo claustro; que hoje ermos de vegetação occupam o espaço descoberto do recinto do dito claustro!

O motivo d'esta profanação e de terem deitado ao vento as cinzas dos christãos, foi para evitar que os cavallos não escorregassem, não tendo outra saída nem outro logar mais commodo para se lhes fazer a limpeza diaria!! Como?! quadrupedes occupam edificios d'esta ordem e merecimento artistico, sem que haja quem levante um brado para protestar contra tão reprehensivel abuso e falta de decoro nacional, consentindo na odiosa aniquilação dos monumentos do paiz?!

Haverá sim um artista portuguez, que não obstante a sua debil voz não poder ser ouvida nem attendida, todavia cumpre com um dever que a sua profissão e o seu amor patrio o auctorisam; posto que n'esta publicação não seja o logar mais proprio para fazer patente a inconveniencia moral e injuria artistica de se tolerar, que aquelle edificio esteja servindo de quartel para um regimento de cavallaria!

Os religiosos do antigo convento de S. Francisco tinham adquirido grande fama como oradores sagrados, e ás suas práticas corriam os habitantes dos logares circumvisinhos; chegando a tal ponto a concorrência, que foi preciso haver dois prégadores ao mesmo tempo, um dentro do templo e o outro fóra d'elle; por este motivo construíram tres ordens de alpendres em 1282, para resguardar os ouvintes das injurias do tempo; construcção esta que occupava uma extensão dupla da igreja, e ia terminar junto ao cruzeiro do Campo de Feira.

Recorda este logar um castigo da maior barbaridade, que junto ao pé d'essa cruz levantada n'esse campo se fez por ordem de el-rei D. Pedro II, por haver um dos religiosos franciscanos commettido um grave peccado; dando elle causa ao ultraje mais ignominoso que um filho *supposto* praticára contra a auctoridade paterna; todavia o castigo foi atroz, serrando-se em vida o corpo do culpado: podendo esta punição ser comparada áquella que n'esta mesma villa soffreu o barbaro assassino de D. Ignez de Castro.

É grande o numero de sarcophagos, e alguns de pessoas reaes, que existem em varias igrejas profanadas de Santarem pertencentes a differentes épocas, e por este motivo de muito merecimento artistico para serem comparados como obra de arte, os quaes estão desprezados e damnificados em parte. Estes tumulos reclamam uma providencia urgente, tanto para honra da propria nação e satisfação dada á sociedade, devendo ser esses sarcophagos e os restos mortaes que elles encerram conservados e respeitados; dando por este modo um exemplo de moralidade á geração presente, e lembrar-lhe o respeito que se deve aos finados, e a consideração devida á memoria dos homens illustres pelos seus serviços e nascimento.

Já tivemos a liberdade de propôr em 1857 a um ministro da corôa dotado de sentimentos religiosos, de acrisolado patriotismo e muito apreciador dos monumentos d'arte, para que o governo adquirisse o extincto convento de S. Domingos, comprando-o á camara municipal de Santarem pelo mesmo preço de 600\$000 réis que ella deu por aquelle edificio quando estava completo, e que para o mesmo se trasladassem todos esses sarcophagos e fossem collocados pela ordem das épocas n'este novo jazigo; pois não só se conservaria mais um templo, o melhor de architectura moderna que a villa possui; bem como a conservação d'esses antigos tumulos mostraria aos povos o respeito que a religião, e a dignidade humana nos impõe, e sempre se deve guardar em todos os tempos para com as cinzas dos nossos semelhantes; e seria tambem de grande valia para o estudo da archeologia nacional.

J. da S.

CHRONOLOGIA ARTISTICA

Conservar a memoria dos *architectos* notaveis de qualquer paiz, não é só uma homenagem feita á sua illustração, é tambem um dever nacional e um galardão para a patria a que elles pertencem; mórmente sendo artistas portuguezes, pois os seus nomes não são conhecidos do publico, e ainda menos as obras por elles delineadas: portanto, a *interessante noticia* que abaixo publicámos, devida

ás incessantes investigações do erudito sr. Abbade Castro, nosso digno consocio, será apreciada com a distincção que merecem todas as lucubrações de tão infatigavel litterato; e ficando estampados esses nomes no *Archivo de Architectura*, jornal da associação dos architectos civis portuguezes, servirá como diplomas de fôro registrados nos annaes dos artistas nacionaes.

J. da S.

ARCHITECTOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

QUE EXECUTARAM OBRAS EM PORTUGAL

DESDE O SECULO XII, ATÉ AO SECULO XVIII

PORTUGUEZES

S. Gonçalo de Amarante, da ordem dos prégadores, foi o *architecto* da *Ponte* sobre o rio Tamega, e uma igreja ao pé d'ella.

Roberto de Lisboa, **Bernardo** e **Sueiro**, foram os *architectos* da igreja cathedral de Coimbra.

João Fernandes, e **Vasco** Braz, foram os *architectos* da cidade de Lisboa, no reinado d'elrei o senhor D. Fernando I.

Affonso Martins, foi o *architecto* da igreja e mosteiro de S. Diniz, de religiosas da ordem de S. Bernardo, no Valle de Odiveellas, em tempo de el-rei o sr. D. Diniz.

João Garcia, foi o *architecto* que no anno de 1429 reedificou a igreja de Nossa Senhora de Guimarães.

Affonso Domingues, **Martins** Vasques, **Fernão** de Evora e **Matheus** Fernandes, foram os *architectos* do convento e igreja de Nossa Senhora da Victoria, no logar da Batalha.

Ayres do Quental, foi o *architecto* do convento da Ordem de Christo em Thomar, no tempo de el-rei o senhor D. Manuel.

João de Castilho, foi o *architecto* das obras do convento de Thomar, e da capella-mór da igreja de Belem, no reinado de el-rei o senhor D. João III.

Filippe Tersio, foi o *architecto* da igreja e casa professa de S. Roque, em tempo de el-rei o senhor D. João III e D. Sebastião (hoje Santa Casa da Misericórdia).

Balthasar Alvares, foi o *architecto* do mosteiro de S. Bento da Saude (hoje paço chamado das côrtes), e do edificio de Santo Antão, em 1598 (hoje hospital de S. José).

Jeronymo Ruen foi o *architecto* do edificio que fundou a senhora infanta D. Maria, filha de el-rei o senhor D. Manuel, no sitio da Luz, para hospital (hoje collegio militar).

Thiago Marques, foi o *architecto* do collegio de Coimbra em 1551, que pertenceu aos monges da ordem de S. Bento.

João Nunes Tinoco, foi o *architecto* da igreja e mosteiro de S. Vicente de Fóra, no anno de 1582, quando foi reedificado por Philippe II de Castella.

Caetano Thomaz, foi o *architecto* da igreja, palacio e convento de Nossa Senhora das Necessidades, no anno de 1743.

Matheus Vicente, foi o *architecto* da igreja e convento da invocação do Coração de Jesus, vulgarmente chamado Estrella, e reedificação da real casa de Santo Antonio da Sé, depois do terremoto de 1755.

ESTRANGEIROS

Ouguet, ou **Huget** ou **Huet**, foi tambem o *architecto* do convento da Batalha.

Boutaca, **Botaqua** ou **Botaca**, foi o *architecto* da igreja e mosteiro de Belem, e da igreja de Nossa Senhora da Conceição que pertenceu aos cavalleiros militares freires da ordem de Christo; da igreja e convento de Jesus em Setubal, de religiosas de Santa Clara; e de levar a effeito o risco e desenho de **Garcia** de Resende da Torre de S. Vicente, vulgarmente chamada de Belem, no reinado de el-rei o senhor D. Manuel.

André Contuccio de Sansovino, florentino, foi o *architecto* que deu o risco e desenho para o mosteiro de Nossa Senhora da Penha, ou Pena, em Cintra.

Antonio Canavari, foi o primeiro *architecto* do aqueducto chamado das Aguas Livres, até 1732.

Mr. Larre, foi o architecto do actual arsenal do Exercito, no reinado de el-rei o senhor D. José; e da casa apalaçada a S. Sebastião da Pedreira (hoje do digno par do reino, o sr. José Maria Eugenio de Almeida).

D. Guarini, de Modena, foi o *architecto* do convento do Hospicio de S. Caetano, em 1653.

João Carlos Bibiena, italiano, foi o *architecto* das igrejas de Nossa Senhora do Livramento, e S. José em Belem, pelos annos de 1760.

Nicolau Nazzoni, foi o *architecto* da igreja e torre dos clérigos, na cidade do Porto, em 1763.

Carlos Mardel, hungaro, foi o *architecto* do palacio do marquez de Pombal em Oeiras, como tambem da casa proximo á igreja de Santa Izabel, que pertencia a este architecto.

Jacome Azzolini, italiano, foi o *architecto* do picadeiro regio, pertencente ao real palacio de Belem.

João Frederico Ludovici, foi o *architecto* do real palacio e convento de Mafra, em 1711.

Petronio Manzoni, foi o *architecto* do theatro denominado da rua dos Condes, em 1770.

Francisco Xavier Fabri, foi o *architecto* do palacio e capella do marquez de Castello Melhor, e do hospital real da Marinha, fundado em 1797; e das alterações feitas no real palacio d'Ajuda.

João Baptista Robillon, foi o *architecto* do palacio de Queluz em tempo de el-rei o senhor D. Pedro III.

PORTUGUEZES

Nicolau de Frias, foi o *architecto* das obras das igrejas do arcebispo de Lisboa, e obras da cidade no tempo de D. Filipe II de Castella, e I de Portugal.

Matheus de Souto, foi o *architecto* das obras da cidade de Lisboa, nos reinados de el-rei o sr. D. Affonso VI, e D. Pedro II.

Eugenio dos Santos de Carvalho, foi o *architecto* do arsenal da marinha, da praça do Commercio, e da alfandega de Lisboa, pelos annos de 1759.

Reinaldo Manuel dos Santos, foi o *architecto* da egreja de Nossa Senhora dos Martyres, do chafariz das Janellas Verdes, e quem acabou a igreja do Coração de Jesus.

Ignacio de Oliveira, foi o *architecto* da egreja de S. Francisco de Paula, e da casa de Gerardo Devismo em S. Domingos de Bemfica (hoje da senhora infanta D. Izabel Maria).

Manuel da Costa Negreiros, foi o *architecto* da ermida do Senhor

Jesus da Boa Nova (junto á Fundição), da torre do relógio da igreja de Nossa Senhora da Graça; e do palacio de Martinho Velho a Rocha Oldemberg; depois dos condes de Barbacena (hoje da Mitra.)

Simão Caetano Nunes, foi o *architecto* do theatro do Salitre, em 1782.

Manuel Caetano de Sousa, foi o *architecto* da torre do largo de Nossa Senhora d'Ajuda; da sua casa nobre ao Rato (hoje dos duques de Palmella), e da casa de Domingues Mendes (hoje do visconde de Condeixa na rua da Horta Secca), e que reedificou a igreja de Nossa Senhora da Encarnação, e real capella da Bemposta.

Jacinto Izidoro de Souza, foi tambem o *architecto* do palacio do Marquez de Pombal em Oeiras, e da sua casa no sitio de Carcavellos (hoje do conde da Lapa).

ADBADE CASTRO.

DECORAÇÃO

NOVAS SALAS NO REAL PAÇO DA AJUDA

Não basta unicamente a grandeza extraordinaria de um edificio, para que elle offereça belleza, commodidade e magnificencia. Não é sufficiente encarecer a qualidade do material com que está construido, nem tão pouco lembrar os milhões que custou a sua edificação, para que apresente um aspecto elegante, tenha o confortavel necessario para se poder habitar commodamente, e ser citado como um exemplo de bom gosto, de elegancia e de riqueza!

N'este caso estava o real palacio da Ajuda, antes que sua magestade a rainha a senhora D. Maria Pia de Saboya viesse residir n'elle; quem conhecia os aposentos do plano terreo d'este edificio, e agora podesse ter a honra de ser admittido a visitar esta habitação reservada para suas magestades, veria a transformação encantadora, que por ordem de sua magestade a rainha e conforme as indicações dadas pela mesma augusta senhora, se operou ali; metamorphose radical, que parece fôra produzida pelo poder da magia! Quem tivesse examinado essas antigas salas tristes, nuas, desproporcionadas, sem graça nem confortavel na sua distribuição e decoração, sem fallar na pobreza que indicavam os seus mal combinados adornos, não obstante o excessivo preço que haviam custado, veria como tudo desapareceu para ser substituido por fórmulas novas e agradaveis á vista, por ornatos de bello effeito, apropriados e lindos, empregando-se igualmente materias escolhidas e variadas.

Ainda mesmo que fosse possivel descrever minuciosamente tudo o que se fez de novo, e todas as cousas raras e preciosas que contém os novos aposentos, ficaria todavia o quadro muito inferior ao original; só vendo-os e admirando-os, se avaliará a sua surpreendente transformação, que unicamente uma pessoa real de tão apurado gosto, possuindo intelligencia superior, prezando as bellas-artes, e sabendo dar-lhes o devido apreço, podia mandar fazer, como ultimamente determinou sua magestade a rainha, com approvação de el-rei.

Principiaremos pela casa que separa os aposentos da rainha d'aquelles pertencentes a el-rei. É uma sala que servia de vestibulo interno, está situada ao centro da fachada voltada para o lado do sul, dá saída para um terraço que occupa em toda a sua extensão a frente do lado do Tejo, e serve para ligar o torreão do nascente com o outro, que em breve se vae construir do lado do poente.

Esta sala tinha por adorno um tecto liso de fôrma abaúlada, sem graça nem proporção, no qual haviam representado em pintura a fresco umas cornucopias monstruosas de côr bronzeada, que esphinges anões sustinham no ar, presas por um fitilho; nas cabeceiras mais pequenas da sanca do tecto via-se umas chimeras que tinham por mantos uns lençoes de extraordinaria grandeza, e apresentavam uma tão grande superficie branca, que destruía toda a harmonia de tons das outras pinturas, além de mostrar a pobreza de uma semelhante composição. No centro d'este tecto estava um pequeno medallão, no qual dois genios, com as pernas abertas, pegavam em quatro pontas, estando com as cabeças voltadas para o objecto principal, fazendo parecer esta attitudo os raios cravados no eixo de uma roda; e para ser mais notavel o desvario d'esta decoração, a pintura ficava como nadando em um grande espaço sem nenhum outro ornato. Para completar o bom gosto d'esta casa eram as paredes estucadas e pintadas a côr verde terrosa, que o verdaxo dá, formando uma tinta feia e tristonha!

Vejamos agora o que presentemente substituiu a extravagante decoração de uma sala que estava prompta, pertencente a um palacio real em que se gastaram onze milhões de cruzados nas obras!!

Um novo tecto horizontal foi construido de laminas de *agatha calcedonia*, ficando collocado em altura proporcionada com a grandeza d'esta sala e está dividido em 63 caixotes, ou almofadas quadradas de 0,92^o por cada lado, com molduras que formam as divisões e faces lisas que os separam um dos outros. Gravou-se no centro d'esses caixotes um lavor fôsko, para fazer sobresair mais o polido da fina pedra de agatha. Examinando esta casa ornada por este modo, pensando na difficuldade da sua construcção, causa a todos grande novidade, pois vendo a posição horisontal em que está posto o marmore sabendo-se que está isolado, pois tem por cima um espaço quasi tão alto como é a altura da sala que o tecto orna, e imaginando que tem um peso tão extraordinario sem haver uma só columna, para n'elle o firmar, todos se impressionam e assombram. Além d'isso é notavel a belleza das variadas manchas ondeadas de agatha, havendo as *arborisadas*, *jaspejadas*, *espumosas* e *serpe-aquaticas*, e o valor d'esta pedra, quasi tão rija como é o crystal de rocha e de tanta estimação, que foi escolhida pelo vice-rei do Egypto, como um objecto digno de ser offerecido ao rei de Portugal.

Um entablamento no estylo dorico feito de marmore avinhado da Abelheira, garante os quatro lados d'esta sala, estando separados os triglyphos por metopes de pedra agatha da mesma dimensão da parte central dos caixotes, tendo dourado o lavor do centro.

Continúa.

J. da S.

ARCHITECTURA

ESTUDOS DE ARCHITECTURA CIVIL ¹

Historia resumida da architectura

Em quanto os homens se limitaram e contentaram com o abrigo das grutas, das brenhas, ou das enramadas copas das arvores silvestres, não tiveram a menor idéa ou precisão da architectura, assim como não sentiram a menor carencia da agricultura, em quanto os fructos selvagens, e os productos expontaneos que a natureza offerecia por toda a parte, bastaram para lhe servir de nutrição e alimento... Crescendo, porém, consideravelmente o numero dos individuos, e organisadas por immediata e instinctiva necessidade as primeiras sociedades humanas, para logo se tornou indispensavel e urgente a precisão da architectura... Mas que genero de architectura foi a que originariamente serviu ás necessidades [dos homens?!... Choças e cabanas construidas com os troncos e as ramas das arvores e dos arbustos... Porque foram estas inquestionavelmente as primeiras producções da arte que depois devia tornar-se a mais util e sublime... Até ao começo da era vulgar, conservou-se em Athenas, mãe das sciencias e das bellas-artes, o celebre *Areopago*, com o seu antigo tecto de colmo; e na mesma época ainda se admirava na soberba Roma, sobre a Rocha do Capitolio, o primitivo palacio de Romulo, que consistia n'uma especie de cabana rustica entretecida de arbustos, e coberta com feno e palhoças. De similhantes ou iguaes materias e estrutura são ainda hoje formadas as habitações das creaturas da nossa especie, as quaes com tanto desprezo e desdem denominâmos *selvagens*, e considerâmos como barbaros!

Nas mais vastas e populosas regiões da Europa, qual é ainda na actualidade a architectura de que se servem os industriosos e activos habitantes das aldeias e dos campos, tão injustamente opprimidos e despresados pelos ricos orgulhosos?!... Dos antros pois, das escuras brenhas, e das profundas cavernas, se originou e surgiu inquestionavelmente a hoje tão decantada, tão civilisadora, indispensavel e sumptuosa architectura civil;... a rustica, a humilde cabana, aperfeçoando-se, pouco a pouco, veio por ultimo a methamorphosear-se no celeberrimo templo de Dianna em Epheso, nos sumptuosos palacios dos Pharaós, e com o andar dos seculos na vastissima e sumptuosa fabrica do Vaticano!... Humilde e obscura origem na verdade!... Porém, qual é a criação portentosa e deslumbrante que tivesse mais elevada e nobre progenitura, ou que saísse logo das mãos do homem mais aperfeçoada e enriquecida?!...

Pretendem sustentar alguns escriptores, que do Egypto, qual outro cavallo de Troya, é que saíram todas as artes e sciencias, como se os povos da Asia, os chaldeos, os indios, e os chinas, não celebrassem uma antiguidade, que comparada com a dos egypcios, póde chamar-se remotissima. Se no Egypto existiam Thebas, Memphys, se haviam pyramides, jardins, obeliscos, e labyrinthos, etc., jazeram conhecidos e preconizados muitos seculos antes Ninive e Babylonia na Asia, assim como os seus assombrosos monumentos!... Se os gregos percorreram o Egypto para se instruirem e aperfeçoarem nas artes, igualmente viajaram pelas regiões da Asia, com o mesmo intuito, chegando a penetrar até aos confins da India!... Não obstante, porém, as controversas opiniões dos antiquarios, é indubitavel que decorreram muitos seculos antes que alguns homens de espiritos arrojados e innovadores, combinando o util com o agradável, podessem precorrer e transpôr o incommensuravel espaço que mediava entre a humilde choça de colmo, e o palacio sumptuoso decórado e enriquecido com a ordem corinthia... E muito mais tempo foi ainda necessario que decorresse, primeiro que algumas imaginações contemplativas e innovadoras, aperfeçoassem e sublimassem aquellas felizes descobertas do espirito humano, depurando-as das irregularidades, das inconveniencias, e imperfeições inevitaveis, que deviam necessariamente acompanhar e incompletar os partos de imaginações excitadas e enthusiasticas!

Continúa

J. DA C. SEQUEIRA.

¹ Continuação da col. 25 do 2.º numero.

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

Synopse dos trabalhos da associação, na sessão da assembléa geral, do segundo trimestre, celebrada no dia 3 de julho de 1864, e apresentada pelo segundo secretario da mesa da mesma assembléa geral ¹

Na sessão de 6 de maio leu o sr. secretario uma carta do ex.^{mo} sr. D. Thomás Pinto Figueiredo residente em Villa Flor, declarando ao sr. presidente que annue ao seu convite e presta-se a dar á associação quaesquer esclarecimentos relativos a bellas artes que estiverem ao seu alcance; outra do ex.^{mo} sr. Antonio Pereira Couceiro de Carvalho sobre o mesmo objecto; este cavalheiro, reside na Regua. Recebeu-se uma carta do sr. professor de architectura da academia portuense de bellas artes, Manuel José Carneiro, participando que se está pintando na mesma academia o retrato do fallecido director e professor proprietario de architectura, Joaquim da Costa Lima, nosso socio fundador, para ser remetido á associação com os apontamentos biographicos do mesmo professor.

O sr. presidente participou que a deputação da nossa sociedade encarregada de agradecer a el-rei o senhor D. Luiz I a approvação dos nossos estatutos, por intervenção do ex.^{mo} duque de Loulé ministro do reino, teve a honra de ser recebida benignamente pelo mesmo augusto senhor, no dia 28 de abril: lendo o sr. presidente perante a real pessoa uma breve allocução, em a qual se expressava o reconhecimento da associação por tão distincta mercê; dignando-se sua magestade responder com phrases mui lisonjeiras e obsequiosas.

O mesmo senhor presidente apresentou dois numeros do periodico *Diario Mercantil*, os quaes lhe foram remetidos pelo digno socio o ill.^{mo} sr. Manuel da Fonseca Pinto, director da academia de bellas artes da cidade do Porto, contendo alguns artigos bastantemente lisonjeiros e honrosos para a nossa associação. Mostrou depois uma carta do secretario da correspondencia estrangeira do Instituto real dos architectos britannicos, em a qual se lhe participava ter sido nomeado, em 18 de abril, membro honorario e correspondente do mesmo Instituto; dizendo o sr. presidente que julgava dever aquella honrosa nomeação ao cargo que está exercendo na nossa associação; considerando portanto aquelle titulo como uma demonstração clara do apreço em que já é tida lá fóra a sociedade dos architectos portuguezes. O secretario leu a referida carta, que é escripta em francez, e depois da sua leitura pediu o ill.^{mo} sr. socio amator José Xavier Silveira da Motta, que se fizesse honrosa menção d'ella na acta, o que foi unanimemente approvedo.

Tendo o ex.^{mo} conde da Carreira, nosso digno socio amator, offerecido á sociedade alguns numeros do periodico italiano denominado *Giornale di antichità e belli-arti*, e uma obra que tem por titulo *Metodo per lo studio dei monumenti* sendo este offerecimento muito apreciado pela associação, resolveu-se que d'elle se fizesse especial menção na acta, dirigindo-se uma carta ao mesmo ex.^{mo} sr. na qual se lhe agradecesse tão distincto obsequio.

Apresentou o sr. presidente uma proposta por elle feita, em a qual por certas considerações e utilidade que julga de muito interesse para a associação, para que se annunciasse nos principaes periodicos do paiz, offerecendo-se a associação dos architectos civis portuguezes ao publico para dar os riscos, quer sejam para obras urbanas, quer seja para as ruraes, que precisarem os proprietarios; e por este modo se executarem as edificações conforme as regras da arte e as prescrições do bom gosto, etc. Depois de uma demorada discussão, resolveu-se que fosse a dita proposta remetida para o conselho facultativo, para sobre ella dar o seu parecer.

Na sessão de 20 de maio foi lida uma carta dirigida ao sr. presidente pelo ex.^{mo} sr. Sebastião Maria da Nobrega Pinto Pizarro, residente em Villa Real, em que o mesmo sr. declara que aceita com a melhor vontade o convite que o mesmo sr. lhe dirigiu em nome da nossa associação, prestando-se a dar á mesma quaesquer esclarecimentos relativos a objectos de bellas-artes.

O ex.^{mo} marquez de Sousa Holstein, mostrando o muito que se interessa pelo credito da associação, e pelo decoro e consideração que se deve dar á nobre arte de architectura civil em o nosso paiz,

¹ Continuação do n.º 2, col. 23.

imitando-se as praticas dos mais cultos e civilizados, onde se procede sempre com a maior parcialidade e justiça quando se trata da escolha de planos para a construcção de edificios publicos de primeira ordem, e fazendo ver que um d'estes que se pretendia agora edificar em Lisboa era aquelle que se destinava aos paços do conselho, o qual devia ser de uma decoraçã nobre e de caracter apropriado, para denotar aos estrangeiros que visitassem a capital, possuímos tambem e que dezejamos apurar o gosto, que tanto contribue para o embellezamento das principaes cidades da Europa, etc. Propoz que n'uma attenciosa e motivada representação dirigida á ex.^{ma} câmara municipal d'esta cidade, a associação mostrasse a grande conveniencia de se mandar abrir um concurso publico para a escolha do projecto, segundo o qual se deve construir o mencionado edificio. Depois de longa discussão sobre o objecto, na qual tomaram parte alguns socios, foi esta proposta a uma commissão encarregada de redigir a representação.

Continúa

PAULO JOSÉ FERREIRA DA COSTA
2.º secretario da associação.

NECROLOGIA

O nosso distincto correspondente conselheiro mr. **Augusto Stüler**, architecto de s. m. o rei da Prussia, morreu em Berlim com 66 annos de idade. Eramembro do senado, da academia das bellas artes, e conselheiro superior dos monumentos. Entre os edificios delineados por este artista de superior talento, podemos citar: o *novo museu* de Berlim; o *novó palacio de inverno* de São Petersbourg; as casas de commercio de Francfort e de Berlim; a igreja de S. Mathias em Berlim; o palacio acastellado do grão-duque de Mecklenbourg-Schwérin, etc., era socio estrangeiro da academia das bellas artes de Paris, membro correspondente da academia real de Bruxellas e da associação dos architectos civis portuguezes. Mr. Stüler publicou um grande numero de projectos e os *modelos para mercenaria*, obra que exerceu grande influencia sobre esta arte na Allemanha. Foi uma grande perda não sómente para a Prussia, assim como para a classe em geral, ter fallecido um architecto tão distincto pelo seu saber e respeitavel pelo seu caracter. O retrato d'este habil artista será collocado na galeria dos architectos, formada pela nossa associação; assim como alguns riscos desenhados por este nosso socio correspondente, as quaes nos concedeu com extrema delicadeza a sua digna viuva M.^{me} Carolina Stüler.

O ultimo architecto que havia concluido a edificação do Pantheon em Paris, mr. **Antonio Rondelet**, filho do celebre auctor da *Arte de edificar*, deixou de existir no mesmo anno. Era inspector do Pantheon, desde que seu pae havia salvado pelo seu saber, este bello edificio de uma ruina que todos julgavam inevitavel: tendo sido esta difficil obra, o haver dado a precisa solidez á antiga construcção; o que fez adquirir ao architecto Mr. J. Rondelet a reputação de mui habil. Deixou Mr. A. Rondelet alguns manuscritos importantissimos, e entre elles uma minuciosa descripção do processo empregado pelo seu illustre pae, indicando todavia a maneira como poude suspender a cupula do Pantheon na occasião de consolidar a base sobre que estava firmada; porém com a prohibição de não fazer esta publicação, sem ter passado 50 annos: pois julgava o perito architecto ser necessario esse numero de annos, para que fosse definitiva a consolidação d'aquelle monumento. É de esperar que o herdeiro universal do artista finado, fará imprimir esses manuscritos que devem interessar e servir de instrucção aos architectos. A França que sabe apreciar os artistas distinctos, mandou o ministro fazer o competente busto em marmore do insigne **João Rondelet** para ser collocado na sala das sessões do palacio do Instituto. Não basta o Pantheon estar reservado para conservar a memoria dos homens illustres, harerá o busto do artista para recordar á posteridade a veneração que os seus collegas lhe tributarão ao seu reconhecido merecimento.

A Allemanha perdeu o anno passado um dos mais insignes architectos, mr. **Leão de Kleuze**, que falleceu em Munich de idade de 80 annos. Tinha sido por algum tempo architecto do rei Jeronymo

em Cassel. Nos annos de 1825 a 1864, executou um grande numero de edificios para o rei da Baviera, sendo o mais principal Walhalla, e em todos elles imitára a architectura grega, a ponto de se chamar a Munich, a nova Athenas. Napoleão III mandou-o consultar a respeito da conclusão do palacio do Louvre; assim como o parlamento inglez para a construcção de uma nova galeria nacional, para a cidade de Londres: tal era a grande reputação d'este architecto, que merecia a maior consideração dos governos os mais cultos da Europa: no seu paiz reconheceram igualmente o seu subido merito, e por isso tinha sido elevado á categoria de conselheiro.

Um dos architectos dos mais insignes da Grã-Bretanha mr. **Robert Cockerell**, falleceu ultimamente. Muitos annos da sua existencia tinha elle dedicado a estudar os monumentos antigos da Grecia e da Italia. Era mui versado sobre a architectura gothica, e foi toda a sua vida um dos mais zelosos defensores da arte grega. Os principaes edificios delineados por este sabio architecto, foram no estylo gothico, o *collegio de Lampeteren I*, a capella de *Xarron*; no genero classico, o *Instituto philosophico* de Bristol; a capella *Hanoverianna* em Regent-street; os hoteis das companhias de seguros do *Sol* e de *Westminter*, etc. Pertencem-lhe igualmente as *importantes restaurações* na igreja de S. Paulo, e no *Hotel do Banco* de Inglaterra. Como escriptor deixou a *iconographia* das igrejas do paiz de Galles; a *biographia* e a *descripção* das obras dirigidas pelo architecto William de Wykeham; a *descripção artistica* da cathedral de Lincoln. **Robert Cockerell** tomou parte nas excavações dos soberbos templos de *Egine* e de *Phigalia*. Na exposiçã universal de 1855 obteve medalha de ouro de 1.^a classe pelos projectos que expoz. Pertencia a um grande numero de academias, como seu socio. O Instituto de França lhe tinha dado o titulo de socio estrangeiro em 1841. Este architecto pelo seu saber e trabalhos litterarios era um dos principaes artistas da Grã-Bretanha, e as bellas artes perderam mais um homem distincto, que lhes havia dado nos tempos modernos brilho e fama.

J. da S.

BOLETIM DO TRIMESTRE

(OUTUBRO A DEZEMBRO)

1865

SUA ALTEZA O SENHOR D. SEBASTIÃO GABRIEL DE BRAGANÇA, infante de Hespanha e Portugal se dignou permittir ao presidente da associação dos architectos civis portuguezes, que fizesse constar que sua altesa desejava de ser socio effectivo da mesma associação. Esta elevada consideração que o SENHOR INFANTE concedeu aos architectos, não só é honrosa para os artistas portuguezes, como fazem conhecer a protecção esclarecida que o principe dá ás artes liberaes, nas quaes sua altesa é tão competente conhecedor e insigne artista. Haverá mais um titulo honroso que fará recommendavel esta util associação.

O EX.^{mo} DUQUE DE SALDANHA, offereceu á associação dos architectos portuguezes um lindo tanque no estylo arabe, em perfeito estado de conservaçã; o qual s. ex.^a possuia na sua casa de campo em Cintra. Este tanque de fôrma octogna, apresenta nos angulos uma columna saliente; e as faxas que compõem os lados do polygono, estão ornadas com arabescos de engraçados contornos: foi dadiva de valia, tanto pela pessoa que a offertou, como pelo merecimento artistico do objecto concedido á associação. Os homens mais illustrados não se negam em darem a sua protecção aos artistas do seu paiz.

O GRANDE JURY da exposiçã internacional da cidade do PORTO, querendo dar um testemunho publico do serviço que a *associação dos architectos civis portuguezes* já tem prestado ao seu paiz, votou-lhe uma MEDALHA DE OURO. Se a associação não estivesse animada do firme proposito de fazer adquirir á architectura civil a influencia que ella deve exercer no desenvolvimento das bellas artes, para que possa indicar o auge da civilisação da nação, bastaria a especial distincção que lhe foi votada PELO GRANDE JURY PORTUGUEZ, para lhe fazer despertar os seus brios; se por ventura o servir a sua patria não fosse a maior gloria de qualquer corporação, que deve considerar superior aos seus proprios interesses o credito nacional, e respeitar a merecida reputação d'aquelles, que dentro da sua especialidade não aspiram

a outra cousa mais, do que serem uteis ao seu paiz: não obstante a associação se confessa grata a demonstração tão significativa com que o illustrado jury a distinguio.

O DIGNO MEMBRO DO INSTITUTO de França mr. V. Baltard, presidente actual da associação central dos architectos de Paris, acaba de participar á associação dos architectos portuguezes, que tinha recebido com grande satisfação o retrato do architecto Boutaca offerecido pela nossa associação; havendo notado ser parecido com aquelle do architecto *Bramanti*, porém acrescenta o distincto presidente mui judiciosamente; todavia elle mais se recommenda pelas suas obras, tendo sido Boutaca quem dilineou e dirigiu as construcções da egreja de Belem em 492.

O EX.^{mo} SR. CONDE DO LAVRADIO desejando cumprir com o disposto nos estatutos da nossa associação, em que determina deverem os socios concorrer com uma obra de *architectura* para a formação da bibliotheca da mesma associação; para esse fim offereceu s. ex.^a um exemplar da publicação rara da obra do convento da *batalha*, desenhado e publicado pelo insigne architecto J. MURPHY. A escolha de tão preciosa dâvida, não só prova o apurado gosto d'este illustre socio, como o verdadeiro interesse que toma pelo engrandecimento da mesma associação, enriquecendo a sua bibliotheca com esta obra classica de tão reconhecido merecimento artistico.

RECTIFICAÇÃO. — No ultimo paragrapho do boletim do 1.^o numero, deverão ser considerados os nomes dos srs. architectos J. P. N. da Silva; A. T. da Fonseca; e J. da C. Sequeira, como sendo membros pertencentes á secção de *architectura* da comissão central das bellas-arts para a exposição internacional da cidade do Porto; porém os socios da associação dos architectos civis portuguezes, que foram *eleitos* para se reunirem á referida comissão central, conforme o honroso convite feito pelo ex.^{mo} marquez de Sousa Holstein, digno presidente d'esta grande comissão; além do sr. J. P. N. da Silva, presidente da associação dos architectos que havia sido designado pelo ex.^{mo} marquez, para fazer parte da mencionada comissão central, foram os dois socios, o ex.^{mo} par do reino o sr. Miguel do Canto e Castro e o ex.^{mo} conselheiro o sr. João Maria Feijó.

J. da S.

PELA TERCEIRA VEZ foram reeleitos os membros que compõe a meza da associação dos architectos, para funcționarem no anno de 1866; assim como se fizeram as eleições para as tres secções, pela maneira seguinte:

Presidente	
J. P. N. da Silva	
Vice-presidente	1. ^o Secretario
O conselheiro J. M. Feijó.	J. da C. Sequeira.
2. ^o Secretario	Thesoureiro
P. J. F. da Costa.	F. de S. Correia.

Para a SECÇÃO DA ESTHETICA, das decorações architectonicas e de apreciação de obras d'arte:

Architectos	Socios amadores
J. da Costa Sequeira.	Marquez de Sousa.
Verissimo José da Costa.	Conde de Penafiel.
Antonio Thomaz da Fonseca.	Conde de Farrobo.
Raphael da Silva e Castro.	José Maria Eugenio de Almeida.
Angelino da Cruz Silva e Castro.	Duque de Saldanha.
Emililano Augusto Bittencourt.	Visconde d'Almeida.

Para a THEORIA DE ARCHITECTURA, e archeologia nacional:

Architectos	Socios amadores
J. P. N. da Silva.	Conde de Lavradio.
João Maria Feijó.	Abbade de Castro.
Lucas José Antunes Pereira.	Ignacio Vilhena Barboza.
Valentim José Correia.	José Izidoro Guedes.
Joaquim da Costa Cascaes.	Miguel Ozorio Cabral.
Pedro Pizarat.	Francisco de Assis Rodrigues.

Para a SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO, e principios de HYGIENE applicada ás edificações:

Architectos	Socios amadores
P. J. Ferreira Costa.	Duque de Loulé.
João Pires da Fonte.	Conde da Carreira.
Feliciano de Sousa Correia.	Marquez de Sabugosa.
Manuel José Oliveira Cruz.	Antonio Maria Couceiro.
P. Augusto Serrano.	Francisco José d'Almeida.
José Luiz Nogueira.	Joaquim Antonio Marques.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DO PRESENTE NUMERO

A estampa d'este numero representa a planta geral do REAL PALACIO DA AJUDA, do qual apenas uma terça parte está quasi concluida; estando a sua fachada actual voltada para o nascente. Esta grandiosa fabrica foi começada na regencia de el-rei o Senhor D. João VI, em 1802, sendo dado o risco pelo architecto civil JOSÉ DA COSTA E SILVA, o qual foi alterado pelos architectos FABRI e MANOEL CAETANO; depois continuadas as obras por FABRI, e tendo sido o ultimo architecto ANTONIO FRANCISCO ROSA. Na parte principal que devia formar o centro da fachada pelo lado do sul, era collocada a escada nobre composta de quatro escadas situadas nos angulos de um grande vestibulo circular, iam todas dar ao mesmo ponto central; o seu tecto seria formado por uma abobeda de difficil construção e custosa execução, a qual fôra avaliada em um milhão! Sem duvida esta bem combinada disposição daria a este soberbo edificio uma entrada grandiosa e correspondente a tão vasto palacio.

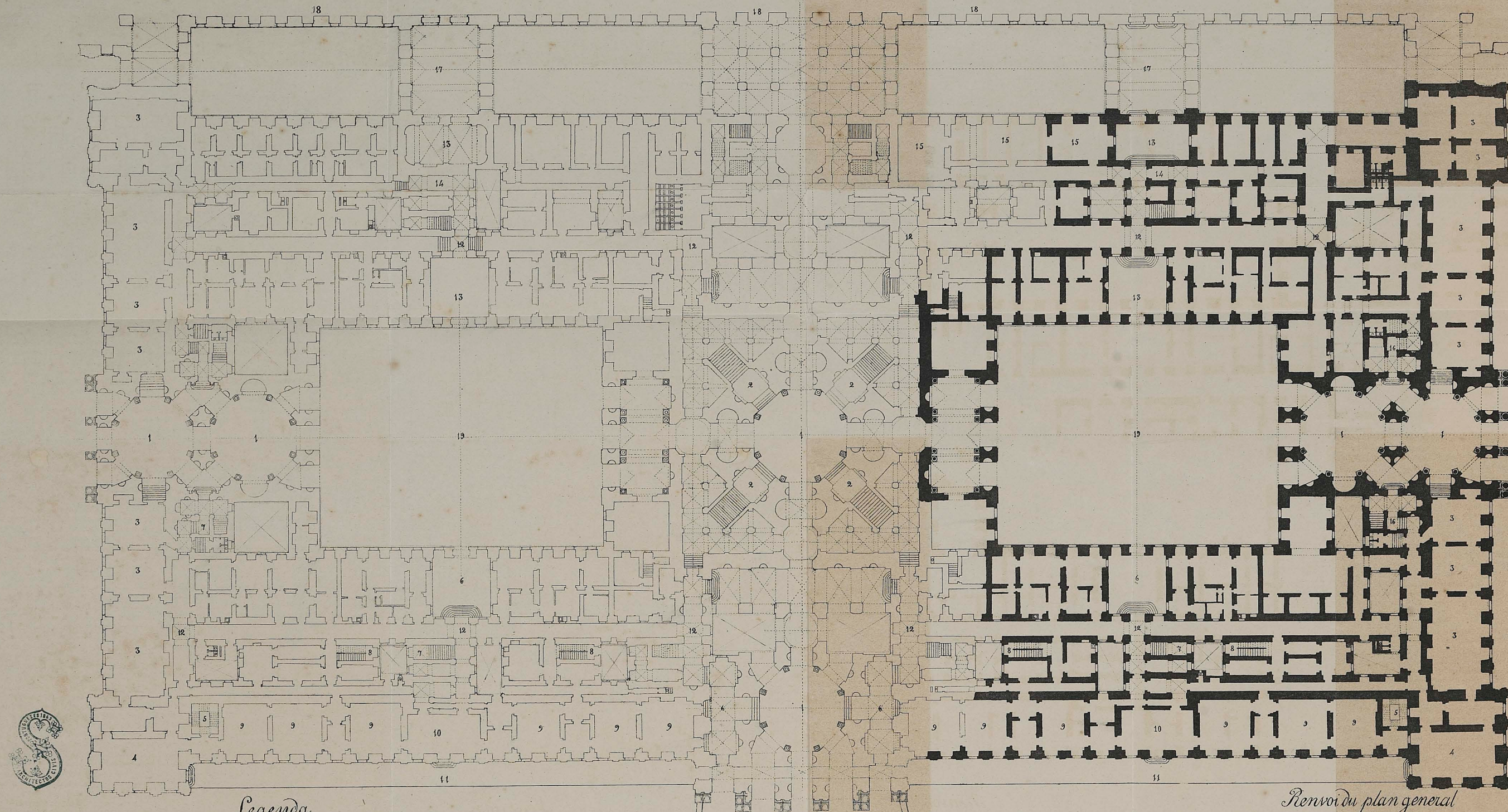
Durante a regencia de Sua Alteza a Senhora Infanta D. Isabel Maria, foi encarregado o architecto ROSA de apresentar um projecto para limitar aquella construção só á parte já construida; este artista contentou-se em dispôr outros dois torreões; no extremo da edificação feita, e por esta fôrma tirava a importancia á fachada principal, aquella que ficaria voltada para o Tejo além da falta de harmonia que os novos torreões apresentavam, ficando proximo um do outro por uma tão curta separação.

Na regencia de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro IV, foi incumbido o architecto J. P. N. da SILVA de apresentar outro projecto, com igual condição de finalizar o edificio no extremo da edificação actual. Apresentou este artista um risco que mereceu a approvação de SS. Magestades; e posto que collocasse tambem dois torreões para fazerem semetria aos outros já construidos nos dois angulos oppostos; todavia para disfarçar a sua grande saliencia relativamente a uma fachada que tinha apenas uma terça parte da extensão do primitivo projecto, não obstante seriam construidos conforme os outros torreões, porém para evitar esse grande inconveniente, fazia ligar um torreão com o outro por uma galeria formada com columnas gemeas, sobre a qual corria um terrasso no nivel do andar nobre, e collocando no centro d'elle uma «Loggia» com frontão, para accusar visivelmente o centro d'esta nova fachada; conservando-se por esta fôrma o character italiano d'esta architectura. Destinava este architecto o torreão do angulo N. O. para servir de capella real. Um grande e novo vestibulo indicava a entrada principal, por um corpo saliente composto de arcarias, tornava por esta maneira mais apparente a fachada do lado O. Duas escadas nobres e simetricas davam comunicação ás duas alas do palacio. Esta fachada ficaria com frente para uma nova praça, a qual por uma larga avenida a ligava com a calçada do Galvão, para dar uma outra serventia ao palacio.

Em 1863 mais uma comissão foi encarregada pelo governo ¹ de fazer um novo projecto para a conclusão do mesmo edificio, tomando por base limitar o palacio com dois torreões como havia delineado o architecto ROSA; todavia concordou a comissão em accusar o centro da fachada do lado do S. unicamente por um frontão, assim como collocar a capella real no torreão N. O; ornar as duas praças, entre as quaes ficará o palacio, com edificios necessarios para o serviço da casa real. A serventia actual da calçada da Ajuda, ficará cortada para se fazer na extensão da frente do lado do Tejo e abrangendo tambem a nova praça do lado do poente, um jardim; havendo igualmente duas entradas, uma pela calçada do Galvão e outra pela rua de D. Vasco, as quaes offereceriam pelos dois lados oppostos entradas para a residencia real.

A superficie que precisava o primitivo projecto occuparia 31:760 metros quadrados, sem incluir o jardim, aquella em que ficará agora reduzida de 16:018 metros quadrados. Em quanto á designação das differentes casas d'esta real habitação, a legenda gravada na respectiva planta indica para que eram destinadas.

(1) Vide a P. do M. das O. P. no n.^o 2, col. 30.



Legenda

- | | | |
|--|---|--|
| 1,1. Vestibulos e principaes entradas | 8,8. Altas para serventia dos creados | 14. Escada respectiva |
| 2,2. Quatro escadas principaes | 9,9. Aposentos para os Senhores Infantes | 15. Mantieria |
| 3,3. Secretarias d'Estado | 10,10. Salas pertencentes aos mesmos | 16,16. Vestibulos e escadas para a capella |
| 4. Gabinete de despacho | 11,11. Varanda geral, da qual se desce ao jardim | 17,17. Entradas das cozinhas |
| 5. Escadas particulares para S. L. M. M. | 12,12. Serventias geraes | 18,18. Cozinhas e suas dependencias |
| 6,6. Vestibulos de entrada particulares | 13,13. Vestibulos da entrada principal do lado do norte | 19,19. Grandes patios |
| 7,7. Escada respectiva | | |

Renvoi du plan general

- | | | |
|--|---|--|
| 1,1. Vestibules et principaes entrees | 7,7. Escaliers reserves | 13,13. Vestibule de l'entree principale du coté nord |
| 2,2. Quatre grands escaliers | 8,8. Idem pour le service des gens du Palais | 14. Escalier de cette entree |
| 3,3. Bureaux des Ministres | 9,9. Appartements pour les Princes | 15. Chambre de l'argenterie royal |
| 4. Cabinet du roi pour travailler avec les ministres | 10,10. Salles pour ces appartements | 16,16. Vestibule et escalier de la Chapelle |
| 5. Escalier pour le service reserve du Roi | 11,11. Terrasse qui donne sortie pour les jardins | 17,17. Entrées pour les cuisines |
| 6,6. Vestibules d'entrees reserves | 12,12. Communications generales du palais | 18,18. Cuisines et ses dependances |
| | | 19,19. Grandes Cours |

PLANTA GERAL DO PREMITIVO PROJECTO DO REAL PALACIO DE AJUDA DELINEADO PELO ARCHITECTO CIVIL JOSÉ DA COSTA E SILVA, LISBOA EM 1802.

NB, parte sombreada é a que se acha deefunda